



ENTREVISTA SOBRE SAÚDE TRANSMASCULINA¹¹

Entrevistado: Athos Souza

Entrevista concedida a: Giulianna Nonato

GIULIANNA NONATO: Não existe saúde transmasculina. É assim que o entrevistado de hoje define a situação de homens trans e pessoas transmasculinas em relação à falta de acesso a serviços básicos de saúde, mas também em relação à escassez de dados e à falta de políticas públicas para a população trans em geral, especificamente para a população transmasculina, que sofre de uma invisibilidade. Hoje, conheceremos o Athos, educador comunitário do Centro de Pesquisas do Hospital das Clínicas da USP, em São Paulo.

ATHOS SOUZA: Meu nome é Athos. Vim para São Paulo sem expectativa emprego nem nada. Queria trabalhar com alguma coisa que me possibilitasse ajudar minha população, e vi que em São Paulo acontecia muita coisa referente a militância e ativismo. Vi a vaga de emprego enquanto educador comunitário. Caí no Hospital de Clínicas e hoje estou aqui faz mais ou menos um ano e meio.

GIULIANNA NONATO: O trabalho do Athos é fazer uma ponte entre a população LGBTIA+ e as pesquisas clínicas que acontecem no HC. Dentre os vários desafios desse trabalho, existe o histórico transfóbico da produção de conhecimento. Geralmente, pesquisadores cis utilizam a nós, pessoas trans, como seus objetos de estudo, e não nos retornam com resultados que sejam úteis para nossa população, principalmente em forma de dados que evidenciem uma demanda, que justifique a construção de políticas públicas que nos favoreçam, que supram as nossas necessidades.

ATHOS SOUZA: São pessoas trans que estão por trás desse trabalho justamente para cobrar esses pesquisadores: “tá, vocês estão nos usando e nos estudando, mas queremos respostas”, principalmente voltadas para a área de políticas e acesso à saúde dessas pessoas. Costumamos dizer que a pessoa que participa de

¹¹ Entrevista de Athos Souza concedida a Giulianna Nonato, disponível no perfil de Instagram @travagiu, pelo seguinte endereço eletrônico: <https://www.instagram.com/tv/CP01gdQHOu_/>. Entrevista transcrita por Cello Latini Pfeil.



pesquisa clínica está fazendo muita coisa, ela não é só uma participante: está fazendo política.

GIULIANNA NONATO: Já deu pra sacar que a importância da educação comunitária é permitir que pessoas trans acessem os serviços de saúde através da participação nessas pesquisas médicas, ao mesmo tempo cobrando dos pesquisadores resultados, principalmente em forma de políticas e acesso à saúde. O Athos disse que quem participa dessas pesquisas está fazendo um ato político, e eu quero saber: qual é a importância política de produzir dados especialmente sobre a população transmasculina?

ATHOS SOUZA: Enquanto uma pessoa transmasculina, te digo, estando aqui dentro, que a gente não existe nesses locais de saúde. Não existem, nem no Brasil, nem no mundo, dados epidemiológicos sobre pessoas transmasculinas. Quantos homens trans estão vivendo com HIV? Quantas pessoas trans estão tendo acesso à PREP? Não temos nenhum tipo de dado, não temos pesquisas epidemiológicas, não temos nada, porque, até então, nunca fomos lidos enquanto pessoas transmasculinas. Ainda estamos sendo colocados na caixa de mulheres cis lésbicas, ou com o comportamento sexual de um homem cis gay. Então, é um trabalho de formiguinha. Gerando dados, nós vamos começar a gerar demanda para estudar esses comportamentos e mostrar às pessoas que elas não estão nos vendo enquanto pessoas transmasculinas.

GIULIANNA NONATO: Eu to sabendo que, no centro de pesquisas do HC, atualmente acontecem pesquisas sobre PREP injetável, sobre HPV e o estudo Mosaico, do qual eu participo, que o teste de eficácia de uma vacina contra o HIV. Se comprovada a eficácia, teremos uma vacina que imuniza pessoas contra a infecção do vírus do HIV, assim como a Coronavac faz contra o coronavírus. Não dá para falar de HIV sem pensar em saúde sexual de uma maneira mais ampla. Gostaria de saber como fica a saúde sexual de homens trans e pessoas transmasculinas com tão poucos dados em relação a essa população?

ATHOS SOUZA: As pessoas não entendem o comportamento sexual transmasculino. Quando começamos a falar sobre prevenção e saúde sexual, entra-se na questão da saúde da mulher. A gente não consegue se enquadrar nisso. Ainda somos lidos enquanto pessoas cisfemininas, enquanto mulheres lésbicas. Não existe uma saúde



voltada para pessoas transmasculinas, é saúde da mulher, e com essa saúde não conseguimos nos identificar.

GIULIANNA NONATO: Bom, acho que depois de tudo isso já entendemos a importância de ocupar espaços, reivindicar os nossos direitos para visibilizar as nossas demandas. Mas e hoje, enquanto construímos isso, com quem as pessoas transmasculinas podem contar?

ATHOS SOUZA: Existem resistências e grupos de pessoas transmasculinas e pessoas não-binárias. Temos uma troca de informação. Sempre foi assim, desde que, há 10 anos, eu me entendi uma pessoa trans, as informações e o acolhimento que recebo são de pessoas transmasculinas. Hoje em dia, existe uma questão do CRP, que está trabalhando com a ginecologia voltada a homens trans, pensando em pré-natal. Em meu mestrado, penso em trabalhar e estudar o comportamento sexual dessas pessoas, para começarmos, a partir daí, realmente trabalhar em métodos de prevenção que sejam realmente úteis, tendo acesso a essas pessoas transmasculinas, conversando com elas, sabendo o que elas entendem sobre prevenção, para saber como que funciona para nós. E teremos que começar do zero. Acredito que a saúde transmasculina, de pessoas não-binárias, de pessoas que têm vagina e não se identificam enquanto pessoas cisfemininas, está começando do zero.

GIULIANNA NONATO: Em todo mês do orgulho, ocorre a mesma coisa: pessoas cis convidam pessoas trans para falar dos mesmos assuntos, sem remuneração, enquanto expomos as nossas trajetórias de sofrimento, os nossos conhecimentos e tudo o que acumulamos ao longo de nossa jornada e de nossa experiência enquanto pessoas LGBT. Para finalizar, pergunto para o Athos o que ele gostaria de falar no mês do orgulho.

ATHOS SOUZA: Todo mundo sabe que, em mês da diversidade, o povo só quer convidar uma pessoa trans para falar sobre identidade de gênero, para falar sobre a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Estamos cansados disso. Estamos falando sobre isso há anos, vamos falar sobre realidade, sobre acesso a escola e à saúde, sobre empregabilidade. Vamos falar sobre o que realmente importa e sobre o que está faltando, sobre por que a mana não tá trabalhando, por que ela não tem acesso à saúde. Vamos fazer uma reflexão de que não somos só o rótulo trans. A gente é muito mais do que isso, somos muito mais do que essa sigla.